

## **REFLEXOS E REFRAÇÕES (LEITURA COMPARATIVA DE *A JANGADA DE PEDRA* E *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO)**

Sandra Ferreira \*

A ficção contemporânea portuguesa entregou-se, segundo Eduardo Lourenço, ao mesmo tipo de pulsão que inunda a poesia, tornando-se “uma espécie de sonho minucioso a propósito do real e um realismo não menos minucioso do lado onírico da vida” (2001, p92). Dessa forma, no entender de Lourenço, a ficção portuguesa tem se voltado para a magia realista, na qual é possível perceber uma metamorfose de um dos mais enraizados pendores lusos, o da alegoria. Como exemplos indiscutíveis de sua análise, cita obras de Lídia Jorge, Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, Gabriela Llanos, António Lobo Antunes e José Saramago.

É precisamente sobre a configuração da alegoria em Saramago, considerando-se os romances *A jangada de Pedra* e *Ensaio sobre a Cegueira*, que se voltará a presente análise, com vistas a evidenciar alguns dos aspectos por meio dos quais os referidos romances tanto se refletem como se refratam.

*A jangada de pedra* permite abarcar, numa visão panorâmica, o mundo peninsular e representa uma retomada do mito de Pyrene, numa sofisticada simbiose de maravilhoso e de realismo. Retoma a relação entre lirismo e a epopéia marítima dos portugueses, na qual o espírito heróico, revisitado, se põe ao serviço da força lírica interior, volvida em avidez de novos horizontes, em fuga discontentada da realidade, traços que remetem à epopéia oceânica, ultramarina, porém não mais colonizadora.

---

\* Professora do Departamento de Lingüística da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP-Assis. Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo.  
A apresentação desse trabalho contou com auxílio financeiro da FUNDUNESP.

Essa deambulação, cuja fonte remota é *Os Lusíadas*, poema da formação e defesa da pátria, procura não celebrar o ciclo dos descobrimentos, mas proclamar a urgência do redescobrimento interior. Se no ciclo dos descobrimentos a partida de Portugal para o mar continha uma busca de vazão para sua tendência desiberizante, a qual caracteriza, segundo Fidelino de Figueiredo, o

drama duma pequena nacionalidade [Portugal] de origem hispânica, de índole inevitavelmente hispânica, que mostrará preferir as limitações de seu particularismo anti-social ao seu hispanismo e que sacrificará as suas melhores energias em seguir e encaminhar ao mesmo tempo essa energia centrífuga. Terá de buscar apoios fora do mundo hispânico, criando essa situação equívoca, tantas vezes trágica no conjunto da sua biografia histórica, e sempre misteriosa e contraditória na mente de cada português representativo. (1935, p.57)

Português indiscutivelmente representativo, Saramago retoma o alicerce comum e o comum ponto de partida da civilização ibérica, constituída por dois matizes, o lusitano e o castelhano. É certo que a desarticulação do conjunto ibérico desbota a nitidez da experiência comum, todavia, essa irmandade será refeita no interior do romance.

No excelente estudo comparativo que é *Pyrene*, Fidelino de Figueiredo observa que as

bodas com o mar dariam à língua portuguesa vôo de maior amplitude, sopro de mais alta inspiração, como a hipérbole, a perífrase e todos os artifícios da eloquência, o maravilhoso e o sentido de universalidade – coisas inseparáveis do verdadeiro sentido épico, do conceito heróico da vida, é quase a sua desumanização. (*id.*, p.105)

Essa oceanicidade da literatura portuguesa terá, ainda segundo Figueiredo, como contraponto a continentalidade da literatura espanhola:

Longe do mar, deambulando pela meseta castelhana, como o Quixote, o Cid ... não se bate por altas idéias, por serviços ao gênero humano, válidos para todos os séculos, não ombreia com os deuses, não é apoiado ou combatido por eles, não tem a transcendente fé religiosa do protagonista dos *Lusíadas*, não enche o mundo com a sua fama. (*id.*, p.106)

Tais traços caracterizadores amplos podem se aplicar a *A Jangada de Pedra*, visto que o tema da oceanicidade se impõe – uma vez que, rompidos os Pirineus, a Península Ibérica, convertida em metafórica jangada, navega Atlântico afora – e conjuga-se à deambulação continental do grupo de personagens aos poucos constituído. Oceanicidade e continentalidade

combinam-se para mitizar a realidade. A ruptura, dando-se nos Pirineus, remete ao mito de Pyrene, donzela grega de alta estirpe e rara beleza que conquistou Hércules. Fugindo da cólera de Zeus e do pai, Pyrene busca guarita nas montanhas do extremo ocidente, que separam a Gália da Hispânia. O tempo passa e, com a morte de seu pai, Pyrene é a legítima herdeira do cetro de Hispânia, cobiçado por Gerião, o monstro tricéfalo da Líbia. A fim de assegurar que Pyrene não tenha descendentes que depois lhe venham cobrar o trono, Gerião lança fogo à cordilheira em que Pyrene se abrigava. O clamor de Pyrene chega aos ouvidos de Hércules, que a encontra moribunda. Morta Pyrene, Hércules edifica sobre as montanhas um imponente mausoléu de pedras e deuses e homens passaram a denominar esses montes os “Pyreneus”.

É mais uma vez Pyrene, metamorfoseada em “jangada de pedra”, que foge ao Gerião, convertido em comunidade europeia, em mito moderno da Europa unida, união frente à qual Saramago sempre se posicionou com desconfiança, o que levou Rafael Conte a declarar:

Saramago expressa muitas vezes as suas reticências frente a esse europeísmo tão simplificador que faz grandes estragos, tanto no seu país como no nosso, convertendo-se a uma espécie de ‘pensamento único’ alienador, contra o qual escreveu essa mítica narração que é *A jangada de pedra*. (1998, p.20)

Se em *A jangada de pedra* Saramago se indaga sobre o que ocorreria se a Península Ibérica se separasse do resto da Europa e flutuasse Atlântico afora, em *Ensaio sobre a cegueira* a questão se volta para o que ocorreria às pessoas e à sociedade se todos, subitamente, ficassem cegos. Em *A Jangada de Pedra*, há um laivo utópico a nos remeter para uma harmonia, se não universal, pelo menos ibérica, representada pelo continente móvel em que todos se conglomera em um rito genesíaco e as vontades tornam-se apaziguadas e milagrosamente convergentes; no *Ensaio sobre a cegueira*, por sua vez, tem-se o horror total e uma afirmação de que estamos afogados no mal. Se em *A Jangada de Pedra*, voltada para dias melhores, já havia amostras ocasionais do que podem ser os homens em situações de exceção, a exemplo dos saques,

depredações, no *Ensaio sobre a cegueira*, na verdade uma alegoria sobre a cegueira da razão, as sete personagens são mandadas para uma jornada horripilante, são novos Jós fustigados pela própria espécie. Sobre a obra, disse Carlos Fuentes: “é uma odisséia moderna através da falta de dignidade. Através do assassinio, da violação, da chantagem, do roubo. Epidemia de infâmia” (1998, p.95).

Enquanto *A Jangada de Pedra* é uma alegoria que testemunha a desconfiança de Saramago em relação à Europa dos tecnocratas, uma vez que, como observa o jornalista espanhol Luís Garcia Monteiro, “não sabemos qual é o papel reservado a nós, países do sul. Talvez o de porteiros, o de operários agrícolas, o de criados de quarto” (1998, p.34). O enredo de *A Jangada de pedra* se tece como a procura de identidade entre espanhóis e portugueses, fora da fisionomia estandarizada da União Européia. O rompimento do chão terá como consequência o desgarramento da Península, mas também a união das personagens: Joana Carda, a do risco no chão com a vara de negrilho, se liga a José Anaiço, aquele à volta de quem voam os estorninhos; Maria Guavaira, a do fio Azul, liga-se a Joaquim Sassa, o arremessador da grande pedra; Pedro Orce, que sente o chão tremer, tem o cão, que faz a ligação entre os lugares, por aliado e a ele se juntam as duas mulheres de cujos filhos, que nascerão quando ele morrer, é provavelmente o pai.

Nesse enigmático universo, um risco no chão, produzido por uma vara de negrilho, funda uma ruptura geológica fantástica; estorninhos convertem-se em auréola esvoaçante, pedras descomunais voam, fios azuis intermináveis transubstanciam-se em novas alianças. A leitura dessas circunstâncias aparentemente sobrenaturais contém um prosaico sentido de crença na intervenção humana: o chão parte-se se alguém o risca, a grande pedra se atirada ao mar por alguém navega, as alianças se efetivam se alguém as propõe, enfim, são os gestos humanos que determinam a configuração e desencadeiam a transformação das contingências humanas.

Embora *A jangada de pedra* tenha sido um símbolo fortíssimo de oposição à adesão europeia, por constituir-se como uma proclamação de crença utópica no retorno aos liames originais para se compor o futuro ibérico, quando Saramago recebeu o Nobel, doze anos após a publicação de *A jangada de pedra*, Portugal não só tinha aderido à União, como estava entre os dez países fundadores da moeda única, implantada em janeiro de 2002. As razões que fundamentam a inquietação manifesta em *A Jangada de Pedra* são explicitadas pelo ensaísta Saramago, no artigo “O (meu) iberismo”, no qual pondera que a Península terá dificuldade de se tornar europeia e, nessa empreitada,

corre o risco de perder, na América latina, não o mero espelho onde poderia rever alguns de seus traços, mas o rosto plural e próprio para cuja formação os povos ibéricos levaram quanto então possuíam de espiritualmente bom e mau, e que é, esse rosto, assim o penso, a maior justificação do seu lugar no mundo. Admitiria que a América latina quisesse esquecer-se de nós, porém, se me autorizam a profecia, antevejo que não iremos muito longe na vida se escolhermos caminhos e soluções que nos levam a esquecer-nos dela (1998, p.116-7).

Saramago, como observa em entrevista a Beatriz Berrini, só entenderia e aprovaria “uma Europa unida na igualdade de direitos e de deveres dos seus cidadãos, atenta ao trabalho, à saúde, à educação, à cultura, à qualidade de vida – a tudo que, numa palavra, não sendo a felicidade, poderia ajudar a encontrar-lhe o caminho” (id., p.235). Escandalizava-o a perspectiva de uma reordenação europeia cujo saldo seriam 18 milhões de desempregados e sob a qual antevia a estruturação de um Império. Tais são as idéias que movem *A jangada de Pedra* para longe da Europa, rumo aos mares do sul. A bordo, estão portugueses e espanhóis, exemplarmente representados pelo grupo de seis personagens a que nos referimos, todos portadores de capacidades ou objetos invulgares.

O grupo de personagens unido pelos contratempos também se reitera em *Ensaio sobre a cegueira*, agora composto pelo médico, pela mulher do médico, pelo cão que a acompanha, pela rapariga dos óculos escuros, pelo velho da venda preta, pelo rapazinho estrábico, pelo primeiro cego e por sua mulher. As personagens não são nomeadas e, segundo Eduardo Calbucci, a

"ausência de nomes cria um efeito universalizante, constatando que as grandes desgraças igualam os homens nos medos, nas necessidades e nos sonhos" (1999, p.88).

Se as personagens são nomeadas por epítetos apenas, a ação, por sua vez, se desenrola em nenhures: não há referência a países, cidades, ruas; e o tempo é indeterminado. Tal indeterminação geográfica e cronológica acentua o caráter universal da obra, convertendo-a em parábola acerca de uma hipotética trajetória para a humanidade.

Uma estranha cegueira branca se espalha epidemicamente, sem a intervenção de objetos ou fenômenos exteriores, ao contrário, portanto, do que ocorre em *A Jangada de Pedra*. Se na *Jangada* há crença no porvir, no *Ensaio* o por-vir é aterrador porque focaliza um mundo em que a cegueira é do espírito, da razão, por isso branca é a cegueira. Nas palavras de Calbucci, uma coisa é impedir que algo seja visto, outra é obrigar a que se veja tudo, assim, "no primeiro caso, a cegueira é negra; no segundo, é branca, pois de tanto olhar as pessoas param de ver, de reparar, de distinguir" (id., p.89), tornando-se incapazes de atender à invocação inscrita na epígrafe de *Ensaio sobre a cegueira*, tomada a um ainda não escrito *Livro dos Conselhos*: "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara".

A cegueira, portanto, constrói-se como metáfora da alienação, da massificação, da indiferença, da triste contigência de olhar e não ver, de ser parte constitutiva de um todo e não se dar conta disso. A essa cegueira se opõe a visão inalterada da mulher do médico, depositária, segundo Beatriz Berrini, do "que de melhor existe no ser humano: o respeito e o serviço do outro, o sacrifício e o esquecimento total de si, a generosidade sem limites que se vale da própria visão e do silêncio para tornar os outros menos infelizes" (1998, p.181).

A cegueira branca converte-se em prisma da ausência de moral, afeto, responsabilidade, do estiolamento de tudo que acentua no *homo duplex* a sua inteligência e aplaca a sua ferocidade. A ferocidade, aliás, é o que o narrador evidencia ao retratar as relações humanas entre os cegos

confinados pelo governo a um manicômio desativado, em condições semelhantes às dos campos de concentração. Durante o confinamento e após o mesmo, quando a cegueira branca cobriu o mundo, as relações pautam-se pelos instintos e denunciam o declínio ético, a mesquinhez dos impulsos, enfim, aquela embriaguez despótica – dos governantes para com os cegos, dos cegos entre si – que consome os seres humanos desde que se levantaram sobre as patas traseiras. *Ensaio sobre a cegueira* proclama que a existência humana encerra mais que absurdo e angústia, extravasa tragédia. Quando, ao final do romance, a epidemia se encerra e todos voltarem a enxergar, a mulher do médico perguntará: "Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem" (1995, p.310). A cegueira, identificada com o não saber ver ou o recusar-se a ver, resulta em incapacidade para manter vivas as altas idéias e os generosos sentimentos insuflados ao homem por Prometeu, a exemplo da paz universal, da solidariedade humana, do desarmamento e da justa distribuição dos produtos da terra e do trabalho.

Após esse percurso reflexivo, é possível perceber que *A jangada de pedra* e *Ensaio sobre a cegueira* são obras que se refletem em alguns aspectos e se refratam em outros. O grupo solidário acompanhado por um cão figura centralmente em ambos os romances; tanto em um como em outro, uma situação de exceção, inusitada, desencadeia a ação – o desgarramento da Península Ibérica e a epidemia de cegueira branca. No primeiro, todavia, a abertura para o devir ibérico aponta para um futuro utópico em que portugueses e espanhóis, reirmanados, realinhados com suas ex-colônias, estariam como água entre os peixes. Em *Ensaio sobre a cegueira*, por sua vez, temos uma alegoria à Kafka, visceralmente distópica, em que o ser humano é flagrado em sua absurdidade essencial: o homem, que conseguiu ver os astros e o universo atômico, não tem conseguido ver a si mesmo e a seus semelhantes.

O "cão das lágrimas", que bebe o pranto da mulher do médico e a acompanha desde então, lembra o cão de Pedro Orce, que compartilhava com seu dono o dom de sentir a terra tremer. E os dois, certamente, são irmãos do cão Constante de *Levantado do Chão* e do Achado de *A caverna*, todos humanamente plenos na canina condição.

Com procedimentos narrativos semelhantes e idéias motrizes diversas, ambos os romances parecem contemporâneos, falam de um mesmo tempo indefinido em que os homens se mostram na sua grandeza e na sua miséria. *A jangada de pedra* é alegoria que abstrai a Península Ibérica da cultura européia e de sua histórica insolidariedade interna e externa; o *Ensaio sobre a cegueira* é igualmente alegórico, mas álaçre alegoria, com vistas a lembrar que a redenção, para muito além de questões européias e ibéricas, reside na redescoberta de nossa comum humanidade. Tal redescoberta certamente não extinguiria os absurdos institucionais da existência, mas reabilitariam o ser humano de sua ferocidade milenária e da cegueira de sua crueldade ímpar.

Se *A Jangada de Pedra*, para concluir, faz crer que o paraíso pode se reabrir para os ibéricos, o *Ensaio sobre a Cegueira* lembra que o mesmo está provisoriamente fechado para a humanidade. O que, ao cabo, se torna fulgor no primeiro, é lusco-fusco no segundo, este, obra duríssima, em que a esperança nos contempla escondida nos olhos da mulher do médico, personagem a partir da qual se pode perceber que, mesmo em conjunturas tenebrosas e de intensa tristeza, não se deve descer do ser humano, afinal "a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança" (Saramago: 1995, p.204).

### **Referências Bibliográficas:**

BERRINI, B. **Ler Saramago**: o romance. Lisboa: Caminho, 1998.

CALBUCCI, E. **Saramago**. São Paulo: Ateliê, 1999.

CONTE, R. Um grande escritor contemporâneo. **Revista Camões**. Lisboa, nº. 3, p.20, 1998.

FIGUEIREDO, F. de. **Pyrene**. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1935.

FUENTES. C. Saramago em jalisco. **Revista Camões**, nº 3, p.95, 1998.

LOURENÇO, E. **A nau de Ícaro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, L. G. Contra a corrente. **Revista Camões**, nº 3, p.34-6, 1998.

SARAMAGO, J. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.